

A resistência delas na agricultura

Maria Ivanildes Sousa, 56 anos, fez, no começo da vida, o percurso adotado por muitos que saem do interior em busca de melhores condições de vida na cidade. Abandonou a rotina de quebradeira de coco no Maranhão e veio estudar e trabalhar no DF. Quando conheceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vislumbrou novas oportunidades — se sustentar pela sua produção e ser valorizada, diferentemente do que ocorria no passado. Para a própria surpresa, retomou as atividades no campo, agora, na cidade.

Estabeleceu-se no assentamento Canaã, onde, mais tarde, criou, com outras mulheres, a Associação Agroecológica Mulheres Rurais do Assentamento Canaã (AAMRAC), com a finalidade de produzir alimentos de forma sustentável, via agricultura familiar, em Brazlândia. Lá, ela administra e distribui cestas, coordena a venda de alimentos e atua de forma ativa e direta na produção dos ingredientes orgânicos. E, para além das dificuldades típicas de todo começo, Ivanildes e suas companheiras, como gosta de chamar, ainda enfrentaram as limitações da pandemia. A tentativa de vender cestas no centro da capital, por exemplo, não deu certo.

Mas não desistiram. Criaram a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Mulheres do Cerrado, liderado pelas camponesas, que visa à luta constante pela terra, por melhores condições de trabalho e por alimentação de qualidade para todos. Isso porque, ainda hoje, as agricultoras têm dificuldades estruturais para produzir, em especial, pela falta de insumos adequados para o solo. Apesar de reconhecer os obstáculos, a produtora relewa: “Quando a gente gosta, acaba não achando tão pesado”.

Segundo a especialista Flaviane Canavesi, da UnB, a maior parte dos agricultores inseridos em experiências de feiras não tem regularização fundiária, o que significa que não pode investir



Maria Ivanildes Sousa

em infraestrutura social, como erguer moradias; nem produtiva, como construir um poço artesiano, para instalar uma irrigação — fatores que ampliam ainda mais as adversidades. O papel das mulheres, para ela, é fundamental, dado que essa mão de obra sempre foi invisibilizada.

Na agrofloresta, as mulheres plantam de tudo (banana, laranja, limão, amora, pitanga, café, vários tipos de frutas, algodão...). Para as pragas, Ivanildes usa folhas de mamonas batidas com pimenta. E funciona. Além disso, nas vivências do assentamento, aprendeu maneiras diferentes de cozinhar, eliminando das suas receitas caldos de carne industrializados, por exemplo. Adquiriu, para sua sorte, o costume de comer verduras e se apaixonou pelo manejo da terra e pela alimentação saudável.

Para a agricultora, o contato direto com o consumidor é algo que lhe ajuda a enfrentar todas as dificuldades. “É muito gratificante saber que estamos levando saúde para a mesa do consumidor”, celebra. A AAMRAC está presente na Feira da Ponta, na 216 Norte, aos sábados; na Colina, na UnB, às quartas; e em Águas Claras, na quadra 301, às quintas.

Laços comunitários

Se para os agricultores é recompensador ter um contato direto com quem se alimenta do que produzem, para os consumidores, também, é muito positivo. O professor Vitor Boaventura, 29 anos, não somente é cliente fiel dos produtores da Feira da Ponta Norte, como um grande apoiador da agroecologia. Enquanto morador da região, considera a feira importante sob vários aspectos, desde o fortalecimento dos laços comunitários até a promoção cultural, visto que é palco para apresentações e intervenções artísticas.

“A possibilidade de interagir diretamente com quem produz o alimento é incrível. Percebemos, com mais sensibilidade, a relação do produtor com o alimento. É como se passasse a visualizar os rostos e o empenho de cada uma daquelas famílias de agricultores”, revela. O consumo de alimentos orgânicos começou após o professor inteirar-se sobre os danos causados ao meio ambiente e à saúde pela agricultura tradicional. Os benefícios dessa substituição, conforme avalia, são imensos. Isso porque o valor nutricional dos produtos agroecológicos é bastante superior aos demais, tanto que notou melhoria em sua disposição e estado geral de saúde e bem-estar. “Além disso, comer é um ato político e o fato de estar incentivando uma produção mais consciente e positiva para o meio ambiente e proteção da biodiversidade é muito gratificante.”